

VI Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais

Interfaces com as relações étnico-raciais

DRAG QUEENS E REPRESENTATIVIDADE MIDIÁTICA: UMA LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Ana Beatriz Gomes Carvalho¹ (UFPE)
Thelma Panerai Alves² (UFPE)
Heitor Felipe da Silva³ (UFPE)

Introdução

Os debates com foco em temas referentes à sexualidade, que acontecem nos espaços das redes sociais, tomam uma dimensão mais ampla do que outros conteúdos direcionados à vida privada. Reconhecer-se como homossexual, assumir-se perante a sociedade e/ou lutar pelos seus direitos (seja como homossexual ou simpatizante da causa), durante muito tempo, foi visto como razão para discriminação, vergonha e preconceito. Embora a sociedade brasileira, comparada a outros grupos sociais existentes pelo mundo, esteja um pouco evoluída, ainda há muita luta a ser vivenciada pelos grupos LGBTQ⁴, no Brasil.

Os movimentos LGBTQ, assim como outros movimentos de representatividade de minorias, que são alguns grupos específicos entendidos como integrantes de uma menor parcela da população, sendo diferenciados por suas características de gênero, raça, religião e situação econômica, são agentes importantes nas discussões que acontecem na sociedade sobre conceitos diversos, amplos e polimorfos como: família, gênero, identidade sexual, direitos civis da população LGBTQ etc. (SANTOS, 2006).

A identidade pode ser vista como um fenômeno construído e apresentado em constante transformação. Uma pessoa pode se identificar ou ser identificada pelo seu

1 Doutora em Educação e professora do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco.

2 Doutora em Sociologia e professora do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco.

3 Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco.

4 LGBT também pode incluir "Q" para "queer" ou "questionamento".

nome, profissão, orientação religiosa, grupos sociais e diversas outras especificidades que podem caracterizá-la de forma individual, além de poder relacioná-la a outros indivíduos, ou grupos, com os quais possui afinidade (identificação). Nessa relação, pode-se observar características de identidade individual e identidade coletiva, a qual subentende-se a consciência de pertencimento a um grupo (MORAES e SOARES, 2013).

No final da década de 90, a internet passou a se tornar um espaço de mobilização para diversos grupos do movimento LGBT (NAZARÉ, 2012). A partir dessa época, a grande rede passou a ser vista não apenas como um ambiente, mas também um recurso para mobilização ligado à representatividade.

Democratizar a mídia não implica somente ampliar o acesso e buscar a pluralidade nas representações. Em outras palavras, não se trata apenas de democratizar o produto, mas também o processo de construção dessas representações, que servem como um mapa social de leituras e condutas sociais, indicando quem deve ter sua existência respeitada e quem simboliza uma ameaça ao status quo (MENDES, 2017).

Assim, proporcionar mais espaços para os grupos considerados minoritários e garantir a isonomia dos seus direitos, é uma forma de garantir que estes indivíduos façam suas vozes serem ouvidas, construindo a sua autoestima, através da sensação e reconhecimento de pertencimento às sociedades com as quais convivem.

Para Bourdieu (2012) a violência simbólica é o tipo de violência exercida sobre uma pessoa (ou *ser social*, termo utilizado pelo sociólogo), com a sua cumplicidade. Esta violência pode ser, comumente, vista em relações de gênero e classe. Como exemplos, podemos citar relações onde homens e mulheres concordam que as mulheres são mais frágeis, têm menor capacidade cognitiva, menor poder de liderança, etc. Também podemos apontar, nas relações de classe, agentes que se alimentam continuamente numa engrenagem de caráter conservador (FERRARI, 2008). O caráter conservador que está presente na violência simbólica pode ser visto nas relações em que as pessoas tratam da linguagem (indo desde o sotaque, à correção gramatical, uso de palavras, vícios de linguagem, etc.). Este conservadorismo se relaciona à posição social do emissor e a sua tentativa de ratificar a ordem estabelecida (BOURDIEU, *ibidem*; FERRARI, *ibidem*). Tal fenômeno também ocorre com a imposição feita aos grupos LGBTQ e a pouca representatividade que tentam dar a eles. De acordo com Silva e Oliveira (2017),

O termo "violência simbólica" é definido pelas relações de poder que se formam entre indivíduos (e/ou instituições), que se situam em

sistemas/estruturas de poder que se tornam instrumentos para ajudar a assegurar que uma classe domina outra (SILVA & OLIVEIRA, 2017, p. 163).

Os autores, seguindo os ensinamentos de Bourdieu (2007), complementam que o fator responsável pela diferença entre grupos sociais se encontra na desigual distribuição de recursos e poderes. Tais recursos e poderes são classificados como *capital econômico*, *capital cultural* e *capital simbólico* (sendo este último capital caracterizado pelo que, comumente, é chamado de prestígio ou honra).

A violência simbólica se manifesta via produção simbólica social, através da religião, linguagem, arte e suas formas de preconceito (SILVA e OLIVEIRA, 2017) e estas produções simbólicas funcionam como instrumentos de dominação (BOURDIEU e EAGLETON, 2007).

O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras (BOURDIEU e EAGLETON, 2007, p. 14-15).

Quando dizemos que a violência simbólica se caracteriza como uma forma de violência invisível, isso significa que ela é imposta por uma relação de submissão, onde o seu reconhecimento e cumplicidade fazem dela silenciosa e perigosa nas manifestações sociais, resultando numa força dominante e subversiva, com capacidade para criar um conjunto de ideias que são aceitas como naturais. Tal pensamento é expresso por Silva e Oliveira (2017, p. 165), ao declarar que “a violência simbólica se funda na fabricação contínua de crenças no processo de socialização, que induzem o indivíduo a se posicionar no espaço social seguindo critérios e padrões do discurso dominante”.

A dominação de alguns grupos sobre outros, faz parte de uma noção figurativa. Grupos religiosos, ou o grupo masculino em si (dominantes), tentam e, muitas vezes conseguem, dominar outros grupos - como as mulheres (dominadas). Tentam fazer o mesmo com outras minorias, incluindo os grupos LGBTQ, através da aprovação inconsciente pautada em um consentimento imediato e pré-julgado dos seres socializados. Se esta ocorresse de forma consciente, provocaria a revolta do sujeito dominado devido o reconhecimento da sua posição de submissão (idem, ibidem).

Sendo assim, podemos concluir que a violência (ou dominação) simbólica não opera com a violência física e o consentimento do grupo dominado. Ela vai mais além,

chegando a uma convenção social relacionada às questões de percepção e apreciação, *habitus* e código de aceitação social.

A noção de *habitus* teve uma origem escolástica e foi retomada por Bordieu, tratando da necessidade empírica de apreender as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes e as estruturas e condicionamentos sociais. Segundo este autor, é como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações. Ferrari (2008) explica o conceito como sendo a incorporação de uma determinada estrutura social pelos indivíduos, influenciando em seu modo de sentir, pensar e agir, de tal forma que se inclinam a confirmá-la e reproduzi-la, mesmo que nem sempre de modo consciente.

Diante do exposto, chegamos à seguinte questão: como os grupos LGBTQ utilizam da representatividade das *drag queens* em espaços midiáticos para lutar contra a violência simbólica?

Da TV norteamericana para as telas dos seis continentes, o *reality show RuPaul's Drag Race* tem-se tornado mais do que uma série que busca pela *America's Next Drag Superstar* (próxima superestrela *drag* americana), mas um espaço onde o humor e a irreverência abordam importantes questões psicológicas, políticas e sociais que acabam sendo reveladas pelas *queens* (termo usado pela apresentadora RuPaul para designar as participantes do programa), ao longo dos episódios.

Alvo de muitas críticas, e também elogios, RuPaul e suas *queens* entram nos lares ao redor do mundo trazendo a mensagem “Você nasceu nu e o resto é drag” (*You were born naked and the rest is drag*) que nos leva a refletir sobre a questão da identidade, sobre o que faz de um homem ser homem e de uma mulher ser mulher.

Drag expõe que o feminino – e, portanto, gênero – é um conjunto de códigos culturais. A paródia do feminino que constitui a performance da drag queen exprime a falta de qualquer verdade inerente sobre gênero, e acentua o quão rígidas são suas normas. (...) Drag desestabiliza qualquer "verdade" sobre identidade sexual e de gênero, e expõe a coerção social baseada na biologia que pauta a construção de nossas identidades. E uma vez que não existe uma base essencial da identidade de gênero em cada corpo, esta pode ser interrompida, quebrada e alterada completamente, causando assim "problemas de gênero". (BURIGO, 2016).

Com a visibilidade alcançada pelo programa e a representatividade que as suas participantes exercem, a arte *drag*, que há muito é vista como um símbolo de resistência nas lutas sobre questões de gênero e sexualidade, foi fortalecida. O crescente sucesso do programa indica que o grande público está disposto a consumir um entretenimento que

ao invés de perpetuar estereótipos, ajuda a desconstruir padrões cruéis e ultrapassados (CALMON, 2016).

O ativismo *drag*, em consonância com a teoria *queer* (BUTLER, 2015), perpassa diversas camadas da sociedade, interagindo e fortalecendo a aproximação com outras minorias. Na década de 1990, RuPaul Charles, em parceria com a marca de cosméticos MAC, participou de uma campanha para arrecadar fundos para a prevenção da AIDS, com a venda dos produtos da fabricante. Hoje em dia, sua contribuição é ser o apresentador de um reality show que fortalece seus participantes por aquilo que, fora das telas, já foram julgados. RuPaul's Drag Race é o gratificante e empoderador resultado de décadas de muito trabalho (LOPES, 2016).

No Brasil, temos *drag queens* que despontam e que apresentam grande visibilidade midiática. Como exemplo, citamos Phabullo Rodrigues da Silva, de 22 anos, conhecida como Pabllo Vittar. Cantora conhecida internacionalmente, ganhou visibilidade no movimento LGBTQ nacional após a sua primeira turnê musical e, no ano de 2016, quando foi convidada a participar do programa Amor & Sexo, da Rede Globo. Devido ao seu sucesso, aceitação do público e representatividade que possui, Pabllo Vittar chegou a ser anunciada como a garota propaganda da marca AVON, em abril de 2016⁵. Recentemente, com sua aparição no evento *Rock in Rio*, houve uma significativa ampliação de sua popularidade, quando suas performances foram intensamente festejadas, comprovando a força que tem no pop nacional.

Em uma sociedade onde o conservadorismo está muito presente, Pabllo se insere como uma personagem que veio para mexer um pouco com as estruturas desta sociedade, usando sua representatividade e diversidade como principais armas. Em entrevista concedida ao Fantástico, exibida em 20 de agosto de 2017, ela declara:

Eu represento as crianças, como um dia eu fui, que sofriam por falar fino, que sofriam por ter um jeito *afeminado*... Montada ou desmontada, Pabllo nunca vai ser preconceituosa. Nunca vai julgar as pessoas por conta de cor, etnia, raça ou sexualidade. Crio um novo rosto, crio um novo eu, esqueço os problemas do Phabullo e sou a Pabllo Vittar: a linda, a glamurosa! (...) Pabllo Vittar, ela é a, ela é o, ela é e, ela é i... Ela é o alfabeto inteiro!

Vittar cita a *drag queen* norte-americana RuPaul como uma influência importante em sua vida e agradece a ela a visibilidade que as *drags* têm na atualidade.

Outra personagem de destaque na comunidade LGBTQ, que utiliza a internet para trazer reflexões acerca de temas que afetam a vida dos membros da comunidade

LGBT como a vida daqueles que não fazem parte deste grupo, através da problematização e desconstrução de ideias arbitrárias, é a *drag queen* Lorelay Fox, interpretada pelo publicitário Danilo Dabague.

Para Dabague (2015), a *drag queen* é uma obra de arte construída em seu próprio ser. O publicitário complementa que o gay, muitas vezes, faz uso do seu lado cômico para passar por cima de uma sociedade limitadora, agressiva e segregadora.

É mais fácil você se referir aos gays como as pessoas que são engraçadas, do que como as pessoas que levam uma lâmpada na cara. Quando o assunto é sério, quando o assunto nos diz respeito, ninguém quer ouvir. As pessoas tentam taxar os gays para rotular, de alguma maneira, como fazem com as mulheres- desde quando elas nascem- com o sexo frágil. Para que elas cresçam achando que não têm força nenhuma (DABAGUE, 2015).

Dabague assinala que uma verdadeira drag não é aquela que apenas se inspira numa fisionomia feminina. "A drag não imita uma mulher, ela tenta incorporar uma diva", explica. Assim, ele mistura Beyoncé, Britney Spears, Tina Turner, Madonna e algumas outras divas da música internacional, em sua montagem de Lorelay Fox, considerada uma das *drag queens* mais pop da web.

Narrativas digitais e ciberativismo

As narrativas estão em todas as partes. A espécie humana sempre contou histórias, reais e/ou ficcionais, por desenhos, pela oralidade, pela escrita e, atualmente, pela multiplicidade de telas, que trazem consigo possibilidades de produção, consumo e intercâmbio de conteúdos. Neste sentido, surgiram diferentes formas de envolvimento dos usuários e/ou novos hábitos em relação às narrativas.

No que se refere às informações divulgadas nas diferentes mídias, todos os dias vemos os usuários comentando e acrescentando notícias às notícias já divulgadas, principalmente nas redes sociais. Há trocas constantes entre consumidores, em diferentes plataformas. Assim, através da TV, rádio, revistas, vídeos, áudios, blogs, games, criam-se espaços para a interação dos participantes, o que demonstra que não estamos consumindo informações passivamente.

Levinson (2012), mostrando que as pessoas deixaram de ser meras receptoras de informações, para serem produtoras e consumidoras de informação, cita a *Primavera Árabe*, movimento revolucionário que contou com greves, manifestações, passeatas e, principalmente, com o uso intenso das redes sociais (Facebook, Twitter e YouTube), na organização, comunicação e sensibilização da população e da comunidade

internacional, contra a repressão por parte dos diferentes países do Oriente Médio e do Norte da África. Foi um movimento que ocorreu em países com regimes autoritários, tomados pela corrupção, abuso de poder, censura e repressão contra a cidadania. E, nesta situação específica, as mulheres tiveram um papel relevante na produção de vídeos, como instrumento de denúncia e de ação política.

Por sua vez, Askanius (2015) mostra que, na Primavera Árabe, as mulheres desafiam a lógica patriarcal que submete a mulher ao homem, com seu videoativismo. Ocorreu um despertar das mulheres, que se deu em forma de apropriação das redes (CASTELLS, 2012, pg 83). Elas usaram ativamente seus celulares e computadores, com ampla distribuição de vídeos e áudios, para sensibilizar e difundir informações importantes, além de convocarem mobilizações sociais em toda a região. Foram lideranças imprescindíveis naquelas lutas. E lideranças inéditas! Orientaram, aconselharam e deram instruções aos homens. Isso mostrou um espírito de igualdade de gênero e companheirismo que nunca havia existido.

A verdade é que, sobre um mesmo fato, há interpretações completamente antagônicas, o que gera narrativas diferentes e, muitas vezes, opostas. Há que se observar, também, que há uma diferença evidente de posicionamento das narrativas da mídia “oficial” e das narrativas da mídia alternativa. As narrativas da mídia oficial/tradicional são, normalmente, mais conservadoras e/ou hegemônicas, abrangendo jornais, revistas, rádio e TV. A mídia alternativa anda no sentido da contra-hegemonia, surgindo com uma força relevante nas novas formas de comunicação do universo online.

O vídeo como narrativa digital ativa e legitimada

Como estamos percebendo, o universo digital e online tem integrado territórios, realidades diversas e culturas diferentes, quando a Modernidade tinha separado tudo, de maneira compartimentalizada. Nas redes sociais, de acordo com Recuero (2016), os discursos das pessoas emergem, se difundem e são legitimados. As novas formas de espaços públicos mostram conversações coletivas que representam e reproduzem ideologias. Alguns discursos reconstróem as estruturas de dominação, legitimando as estruturas de violência simbólica. No entanto, o ambiente online também pode ser considerado democrático, por permitir a publicação de discursos não-hegemônicos e a pluralidade de formações discursivas (RECUERO, 2016).

Embora saibamos que os discursos audiovisuais nos processos de configuração de identidade não são fenômenos novos, consideramos imprescindível estudar os modos de

ação de determinadas formações, em busca de maior visibilidade e de maior sintonia com o público, com a finalidade de contribuir para a ampliação de horizontes e o empoderamento deste público. Temos clareza de que tais práticas podem provocar uma erosão na visão hegemônica de poder, denunciando situações pouco solidárias e de intolerância. Estudos destes casos sobre valor social e visão sociocrítica, que ocorrem em determinados vídeos, podem favorecer uma avaliação do impacto social destas práticas, no avanço de determinadas causas e reivindicações específicas.

Em relação à cultura participativa e, mais especificamente, ao videoativismo, consideramos importante ressaltar que a sua era não é a era do acesso, mas a era da viralidade, além da socialização das informações e da mobilização social. Segundo Caballero (2015), o videoativismo não é só uma forma a mais de ação coletiva sobre os fatos sociais, mas um poderoso instrumento de análise social, de auto-organização de redes de resistência e de luta política. Para este autor, o uso do vídeo serve para ativar a participação e consciência dos atores sociais, gerando espaços coletivos de diálogo e reflexão, de ruptura com a ordem social dominante. Para ele, o mais importante é reconhecer a existência de uma nova sensibilidade e de uma nova cidadania. Portanto, o uso de vídeos, com um sentido de esclarecimento, de reflexão e de empoderamento, deve estar situado no debate estético e político do vídeo-arte, que rompe com as narrativas comerciais.

A relação entre vídeo, movimento político-social e empoderamento tem a ver com apropriação social das tecnologias e com ocupação e domínio de espaços públicos (físicos e online). Neste sentido, lembramos de inúmeros episódios ocorridos no mundo, tais como os movimentos #15M, #OccupyWallStreet e, no Brasil, o #OcupeEscola

Neste sentido, a perspectiva que apresenta os vídeos como fonte de empoderamento pessoal e coletivo prevalece na área de estudos interdisciplinares, que veem no vídeo uma evidência visual relacionada aos direitos humanos e às injustiças sociais. Esse tipo de produção de vídeos inclui compromisso político, individual e coletivo, criado para demonstrar situações sutis, encobertas, invisíveis, silenciosas e/ou pouco discutidas na sociedade, alcançando pessoas sem força/autoridade política ou alheias às estruturas de poder, com a intenção de ativar processos de transformação social. Normalmente, são vídeos que contam histórias pessoais e processos de transformação.

Análise dos dados: visibilidade e percursos das *Drags* na rede

Os dados foram coletados na plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube, no período entre julho e setembro de 2017. O Youtube é uma plataforma de distribuição digital de vídeos que permite a monetização dos conteúdos postados na plataforma através do número de visualizações. A monetização é realizada com anúncios inseridos nos vídeos e o sucesso de um canal criado na plataforma está associado ao número de visualizações, curtidas, seguidores e comentários. Como o YouTube é uma plataforma mundial que computa dos dados de todos os usuários em diversas partes do mundo, alcançar um número expressivo de seguidores ou visualizações não é tarefa fácil. Além disso, artistas conhecidos possuem canais no YouTube que reproduzem programas de grandes canais de televisão que já foram ao ar e que são visualizados por milhares de pessoas diariamente. Nesse contexto, dois canais de *drags* brasileiras alcançaram sucesso na internet e deram visibilidade aos seus criadores, Pablo Vittar e Lorelay Fox. O canal “Para Tudo” com a drag Lorelay Fox foi criado em 30 de mar de 2015, possuindo atualmente 134 vídeos, 365.432 inscritos e 18.876.638 visualizações. Já o canal da Pablo Vittar foi criado em 26 de set de 2011, possuindo atualmente 23 vídeos classificados como “Vlog da Pablo” e clipes oficiais, além de arquivos de áudio dos álbuns lançados. Apresenta até o momento 3.121.910 inscritos e 417.871.646 visualizações. Os dois canais têm propostas muito diferentes e não é objetivo deste estudo realizar qualquer tipo de comparação entre eles. A proposta vai exatamente em outra direção: a análise das estratégias, objetivos, público e personalidades diferentes dos criadores dos canais, mostra que o sucesso e visibilidade alcançados por ambos não é uma questão de sorte ou modismo, mas sim o resultado de uma decisão de utilizar as mídias digitais como instrumento de afirmação e defesa da causa LGBTQ.

Elementos de discussão no canal Para Tudo

Os 134 vídeos do canal de Lorelay Fox apresentam temáticas bastante variadas: maquiagem, poesia, livros, divulgação de produtos, visita de outros *YouTubers*, minorias e reflexões sobre a causa LGBT. Para este estudo, analisamos apenas os vídeos que tratam das questões relacionadas com as questões LGBTQ. Foram 58 vídeos publicados entre 2015 e 2017:

Título do vídeo	Visualizações	Título do vídeo	Visualizações
Marcas exploram ou apoiam?	47 mil	Ru Paul drag race	220 mil
Mais um suicídio	242 mil	Propaganda e mulher: o mundo tá	108 mil

		chato	
A cura gay	113 mil	10 perguntas sobre sexo	111 mil
Ódio ou liberdade de expressão	60 mil	Família e aceitação	72 mil
Opinião sobre Pablo Vittar	341 mil	Héteros vs Gays	168 mil
O que é gênero e orientação sexual?	59 mil	A família tradicional acabou	170 mil
E se eu fosse hétero?	147 mil	Privilégios para gays, negros e mulheres	58 mil
Porque ser YouTuber	49 mil	Sexo, jovem e aids	65 mil
Minha primeira vez	112 mil	Enem 2015: feminismo e memes	73 mil
Relacionamento abusivo	99 mil	Gênero nas escolas	158 mil
Atores gays na TV	61 mil	Minha infância gay	188 mil
Ser gay cansa	226 mil	Bissexuais existem	207 mil
Lorelay responde: maconha, Trump, crushs	98 mil	Como escolher um nome	119 mil
Crítica: troleiei minha mãe	154 mil	Dicas para drags iniciantes	105 mil
Me apaixonei por uma Trans	67 mil	Parada LGTB: orgulho para que?	86 mil
Preconceito no trabalho	68 mil	Dia de drag queen	141 mil
Precisamos de ajuda	45 mil	Canal Para Tudo por Lorelay Fox	220 mil
Como ser uma gay melhor	94 mil	Gays afeminados	213 mil
As novas Drag Queens	77 mil	Minha história	163 mil
Ditaduras de beleza: plásticas da Anitta	125 mil	Lésbicas na sociedade	127 mil
Me chamam de viado	112 mil	Amor e relacionamentos	68 mil
Redes sociais: problemas e prazeres	53 mil	Sair do armário	134 mil
Existe amizade entre héteros e gays?	105 mil	Por que ser Drag?	98 mil
Me apaixonei por um hétero	158 mil	Gays são engraçados?	88 mil
Orgulho de ser	107 mil	É drag ou trans?	217 mil
Massacre em Orlando e no mundo	78 mil	Tutorial drag queen: maquiagem!	440 mil
Superando ex-namorados	129 mil	Preconceito no meio gay	77 mil
Confissões: meu livro + parada LGTB	83 mil	Problematizar + desconstruir	70 mil
Madonna está velha	120 mil	Danilo responde: beija meninas, manda nudes?	281 mil

Os temas são abordados seguindo um percurso bem interessante: o assunto é apresentado de forma mais abrangente com uma explicação sobre o seu contexto. A seguir, é realizada uma reflexão crítica indicando os aspectos positivos e negativos (quando existem) e suas implicações. Para finalizar, a opinião de Lorelay Fox sobre o assunto é apresentada com recomendações e sugestões de outras fontes de informação sobre o tema. Todos os vídeos são finalizados com o pedido de avaliação do vídeo (gostei/não gostei), registro de comentários com a opinião e sugestões dos internautas e a frase que é uma espécie de marca “meu nome é Lorelay Fox e é nessa que eu vou”.

As reflexões realizadas nos vídeos perpassam vários elementos relacionados com a resistência da violência simbólica: aceitação interna, aceitação familiar, preconceito no trabalho, bullying, afirmação, trajetória pessoal, superação de medos, dificuldades nos relacionamentos, minorias, resistência, empatia, compreensão do outro, transformação e visibilidade. Em vários vídeos existe o reforço da importância da visibilidade e emponderamento dos gays como estratégia de resistência ao sistema opressor da sociedade, especificamente a religião e o conservadorismo, sempre com reflexões sobre a hipocrisia (social e individual).

O sucesso de Lorelay Fox nas redes pode ser explicado por seu esforço em se aproximar do seu público, inicialmente predominantemente gay, mas que foi ampliado e proporcionou a abertura de novas questões e novos temas nos vídeos sem perder o foco da luta em defesa das questões LGTBQ.

Elementos de discussão no canal Pablo Vittar

A estrutura do canal da Pablo Vittar é direcionada para a divulgação do seu trabalho como cantor, com clipes e vlogs que mostram os bastidores dos seus shows e turnês. Um aspecto interessante é a determinação em focar o seu trabalho como cantor e não a sua aparência como drag. Ser *drag queen* é um elemento artístico que foi incorporado ao “personagem” Pablo Vittar, mas não é determinante em sua concepção artística. A sua voz, o seu repertório musical e sua performance não dependem da sua montagem como drag queen. Entretanto, ser *drag queen* é um elemento decisivo em seu discurso e atitudes em defesa do movimento LGTBQ. Em suas entrevistas e shows os elementos de resistência à violência simbólica estão presentes em diversas situações. Vamos descrever três situações em seus vídeos que caracterizam esses elementos de resistência:

1. Vídeo com entrevista concedida à revista Trip: entrevista sobre o seu sucesso como cantora *drag queen* na qual é relatada a violência sofrida na escola com a agressão de um colega de turma que jogou um prato de sopa quente no seu rosto porque ele “falava como um gay”. No vídeo, Pablo se emociona ao lembrar da violência sofrida e diz ter consciência que para fazer sucesso hoje, muitos outros gays levaram lâmpada na cara. Finaliza afirmando que isso passou, “Xô! Sou feliz, sou *drag*, sou linda!”.

Aqui estão presentes os elementos de resistência com o relato de uma agressão física em sua própria história e na história de outros gays, a revelação das marcas que essa

violência deixou (evidenciada em sua emoção) e a necessidade de superação através do sucesso.

2. Vídeo com entrevista sobre o clipe com Anitta e um jornalista que cobria o evento. No vídeo, o jornalista entrevistou Anitta e a Pabllo sobre a música lançada com Major Lazer (um conhecido grupo de música eletrônica) que fez um sucesso estrondoso em seu lançamento alcançando 249.975.992 de visualizações até o presente momento. Durante a entrevista, o jornalista fica de costas para Pabllo e só faz perguntas para Anitta, até que ela diz claramente ao jornalista que ele mude de posição e entreviste os dois, já que é um trabalho conjunto. Mesmo com a reclamação da cantora, o jornalista continua com uma atitude de desdém e o vídeo da entrevista foi compartilhado e a atitude foi bastante criticada nas redes sociais, resultando em um pedido de desculpas do jornalista.

3. Vídeo com o encontro da Pabllo com um fã de 10 anos. O menino sofria bullying na escola por gostar das músicas da Pabllo e a produção organizou um encontro do menino com seu ídolo nos bastidores de um show. As cenas do menino emocionado com o encontro e a música da Pabllo ao fundo cantando “tudo vai ficar bem e as feridas vão cicatrizar” fizeram sucesso nas redes com vários compartilhamentos e comentários. Aqui está presente um elemento importantíssimo ao combate à violência simbólica e real: a necessidade de se proteger as crianças e jovens que são agredidos por suspeitas sobre sua orientação sexual em um momento da vida que essas questões sequer estão definidas. As manchetes sobre crianças que são agredidas pelos familiares e desconhecidos até a morte por homofobia estão se tornando frequentes e o apoio e preocupação com essa faixa etária mais jovem pode amenizar muitas angústias e propagar a tolerância a aceitação.

Conclusão

No que se refere especificamente ao público LGBTQ, alguns vídeos mostram que o engajamento em causas sociais pode criar agentes de fortalecimento e de transformação dos indivíduos marginalizados e que não se sentem representados. Neste sentido, o nosso estudo mostra como os grupos LGBTQ se utilizam da representatividade das *drag queens* em espaços midiáticos para lutar contra a violência simbólica. E, como sabemos, a arte drag é um símbolo de resistência nas lutas sobre questões de gênero e sexualidade, que, com a visibilidade alcançada através dos vídeos, teve seu símbolo fortalecido, alcançando a representatividade necessária.

O que Danilo Dabague busca com a Lorelay Fox e sua representatividade é o empoderamento das pessoas que pensam de forma parecida com ele. Desta maneira, ao se unirem no mesmo discurso e na mesma motivação da luta pela igualdade, contribuirão para fortalecer as pessoas que ainda mantêm suas amarras psicológicas e/ou sociais, sofrendo por suas opções de gênero, corporais e políticas. Neste sentido, a visibilidade do movimento das *drag queens* é imprescindível para ampliar os horizontes daqueles que ainda estão nas margens.

A estratégia das duas *drags* na rede apresenta elementos em comum fundamentados no amor e na aceitação. São atitudes, imagens e discursos que talvez não sejam suficientes para conter a onda conservadora e hostil que estamos observando na sociedade, atualmente. Entretanto, é um movimento que vem crescendo e, a cada nova opressão ou a cada ação de retirada de direitos e agressões ao grupo LGBTQ, aumenta a resistência e a união entre seus participantes.

Os canais do YouTube já ultrapassaram a televisão na preferência dos mais jovens e esse crescimento tende a crescer. Se a revolução será gay e transmitida via *stream* no YouTube, não temos certeza, mas que as bandeiras com o arco-íris e muita purpurina estão tremulando cada vez mais fortes, não resta a menor dúvida!

Referências

ASKANIUS, Tina. Genealogía del vídeo para el cambio. Videoactivismo y vídeo radical online. IN: SIERRA, Francisco e MONTERO, David (Eds). **Videoactivismo y movimientos sociales. Teoría y praxis de las multitudes conectadas**. Barcelona, Editorial Gedisa, 2015.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.

BOURDIEU, Pierre; EAGLETON, Terry. **A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista**. In: ŽIŽEK, S. (Org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007, pp. 265-278.

BURIGO, Joanna. **Uma reflexão sobre 'RuPaul's Drag Race': O reality show ajuda a pensar a respeito de sérias questões sobre identidade**. Carta Capital. 09 de março de 2016. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/uma-reflexao-sobre-rupaul2019s-drag-race>>. Acessado em 26 de agosto de 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão da Identidade**. Coleção Sujeito & História - 8ª Ed. 2015. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro – RJ.

CABALLERO, Francisco S. Videoactivismo y nuevas formas de ciudadanía. IN: SIERRA, Francisco e MONTERO, David (Eds). **Videoactivismo y movimientos sociales. Teoría y praxis de ls multitudes conectadas**. Barcelona, Editorial Gedisa, 2015.

CALMON, Elisa. **Rupaul's Drag Race e a representatividade Drag nas telas da grande mídia.** CENARIO. 2016. Disponível em < <http://jornalcenario.blogspot.com.br/2017/04/rupauls-drag-race-e>>. Acessado em 27 de agosto de 2017.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignación y esperanza.** Alianza Editorial, Madrid, 2012.

FERRARI, Márcio. **Pierre Bourdieu, o investigador da desigualdade.** Nova Escola, out. 2008. Disponível em < <https://novaescola.org.br/conteudo/1826/pierre-bourdieu-o-investigador-da-desigualdade>>. Acessado em 26 de agosto de 2017.

FOX, Lorelay. **PROBLEMATIZAR+DESCONSTRUIR com Loreay Fox.** Canal Para Tudo. Vídeo publicado em 07 de abril de 2016. Disponível em <https://youtu.be/ujASTn4W_KQ?list=PLuqj2t1hc3aki3voL_gANrO3wtG_sGP9r>. Acessado em 28 de agosto de 2017.

LEVINSON, Paul. **New new media.** Boston: Pearson Higher Education, 2012.

LOPES, Larissa. **RuPaul's Drag Race: Muito além de um reality show.** Sala 33. 20 de janeiro de 2016. Disponível em < <http://jornalismojunior.com.br/sala33/rupaulsdragrace/>>. Acessado em 28 de agosto de 2017.

MENDES, Gyssele. **Representação de LGBTs na mídia: entre o silêncio e o estereótipo.** Carta Capital. 18 de maio de 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/representacao-de-lgbts-na-midia-entre-o-silencio-e-o-estereotipo>>. Acessado em 27 de agosto de 2017.

MORAES, Elaine Cristina Gomes de; SOARES, Murilo Cesar. **O movimento homossexual no Brasil: construção da identidade, eventos e visibilidade mediática.** Comunicação & Inovação, São Caetano do Sul, v. 14, n. 26:(36-44) jan-jun 2013.

NAZARÉ, Marcela Peregrino Bastos de Nazaré. **As mídias digitais e seus usos pelo movimento LGBT brasileiro.** X Seminário de Ciências Sociais – Tecendo diálogos sobre a pesquisa social. Páginas 242 – 262. Universidade Estadual de Maringá, PR. 22 a 26 de outubro de 2012.

RECUERO, Raquel. Discurso mediado por computador nas redes sociais. IN: ARAÚJO, Júlio e LEFFA, Vilson (Org). **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos que aprender.** São Paulo, Parábola, 2016.

SANTOS, Gustavo Gomes da Costa. **Estado, Projetos Políticos e Trajetórias Individuais: Um Estudo Com As Lideranças Homossexuais Na Cidade de São Paulo.** Dissertação de Mestrado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2006

SILVA, L. F; OLIVEIRA, L. **O Papel da Violência Simbólica na Sociedade por Pierre Bourdieu.** Rev. FSA, Teresina, v.14, n.3, art. 9, p. 160-174, mai./jun. 2017.

VITTAR, PABLLO. Repórter ignora Pabllo Vittar e Anitta chama sua atenção. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=wHAzLkda0Y>>. Acesso realizado em setembro de 2017.

_____. **Pablo Vittar é bonita, bebê!** Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=aUvF8UeiW8M&t=94s>>. Acesso realizado em agosto de 2017.

_____. **Pablo Vittar Encontra Fã de 10 Anos Que Sofre Bullying e Preconceito.** Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=syVppPUytXA>>. Acesso realizado em setembro de 2017.